

FINANÇAS PESSOAIS: PERFIL DAS DECISÕES FINANCEIRAS DOS DOCENTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL*

PERSONAL FINANCE: PROFILE OF FINANCIAL DECISIONS OF PROFESSORS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF RIO GRANDE DO SUL

Luana da Costa Marques**
Ângela Rozane Leal de Souza***

RESUMO

As discussões sobre temas como planejamento financeiro, gestão das finanças pessoais e investimentos estão cada vez mais presentes em todo o país. Assim, este estudo tem como objetivo analisar o perfil das decisões financeiras adotadas pelos docentes da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Administração da Universidade do Rio Grande do Sul. Para tanto, realizou-se uma pesquisa quantitativa, descritiva, operacionalizada por meio de uma *survey*. O instrumento de coleta de dados consistiu em questionário, aplicado a uma amostra de 54 respondentes sobre população de 179 docentes, levando-se em consideração o erro amostral de 5% e um nível de confiança e de heterogeneidade de 95%. A amostra foi composta por 53,7% docentes do sexo masculino e 46,3% feminino, grande parte com: idade média entre 41 e 50 anos; doutorado; renda bruta mensal de 7 a 10 salários mínimos; renda bruta mensal familiar de mais de 18 salários mínimos e média de 1 a 2 dependentes financeiros. Os resultados evidenciaram que a maior parte dos docentes pesquisados investem, principalmente: em fundos de renda fixa, títulos públicos, fundos DI e fundos de crédito privado. Identificou-se que a maioria dos respondentes costuma: manter uma reserva financeira; tem como objetivo a obtenção de ganhos superiores à inflação em seus investimentos e preferência por baixo nível de risco. Foi evidenciado, prioritariamente, o perfil conservador e moderado. Os achados deste estudo podem contribuir para novos enfoques e discussões, voltadas à educação financeira pessoal, tão necessária em épocas de crises econômicas.

Palavras-chave: Docentes. Finanças. Investimento. Educação financeira pessoal.

* Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no primeiro semestre de 2021 ao Departamento de Ciências Contábeis e Atuariais da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

** Graduando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (luana._dacosta@hotmail.com).

*** Orientadora: Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutora em Agronegócio pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Ciências Contábeis e Atuarias da UFRGS.

ABSTRACT

The discussions about themes like financial planning, finance management and investments are more often presenting in the country. So, this study has as an objective to analyze the profile of the financial decisions adopted by the professors of the Economics School and Administration School of Federal University of Rio Grande do Sul. Therefore, was made a quantitative research, descriptive made by a survey. The collect instrument was a questionnaire, applied to a sample of 54 responders about a population of 179 teachers, taking into account a sample error of 5% in the trust level and heterogeneity of 95%. The sample was made by 53,7% of male, and 46,3% of female, big part with age of 41 and 50 years old; PhD degree; monthly income of 7 to 10 minimum wage; monthly income by family more than 18 minimum wage and average of 1 to 2 dependents. The results showed that the most part of professors analyzed invest mostly in: fixed income fund, public titles, titles investments funds and private credit fund. It was identified that most part of the responders usually keeps a financial reserve; have as an objective the gain higher than the inflation in their investments and preference for low risk. It was evidenced the profile conservative and moderate. The results of the study can be useful for news discussions facing the financial education, necessary in economic crisis times.

Keywords: Professors. Finance. Investment. Personal finance education

1 INTRODUÇÃO

A utilização do estudo das finanças vai muito além do uso nas empresas. A área de finanças abrange tanto a administração de negócios, quanto a administração dos recursos pessoais. As finanças estão presentes diariamente na vida das pessoas (LEAL; NASCIMENTO, 2011). Desde o início das civilizações, os grupos familiares, mesmo que de uma maneira rudimentar, controlam seus patrimônios de alguma forma, exercendo gestão patrimonial, por intermédio da contabilidade (MILANEZ, 2003; PAULA, 2009). Nesse sentido, Nunes (2006, p. 59) relata que “segundo os historiadores, a Contabilidade, nos seus primórdios, apoiou-se fortemente no controle das finanças pessoais”. Esse autor acrescenta que neste período inicial controlavam-se as entradas e saídas de bens, baseadas nas trocas feitas entre as pessoas.

Atualmente os padrões que norteiam as entradas e saídas de bens têm relação direta com os métodos de gestão que as famílias adotam e variam conforme: (a) o nível de escolaridade; (b) a renda; (c) o padrão de vida. Tais padrões levam a diferentes graus de economia familiar. Por sua vez, Ferreira (2006) estabelece três processos para administrar as finanças pessoais, sendo: em primeiro lugar, o planejamento do que fazer com o dinheiro; em segundo, a organização dos hábitos de consumo e investimento; e, em terceiro lugar, o controle dos resultados de acordo com o que foi planejado anteriormente.

As finanças pessoais, na visão de Lucena e Marinho (2013), preocupam-se com o planejamento da renda pessoal, determinando quanto deve ser destinado às despesas, qual a parcela que deve ser poupada para alguma eventualidade e situação de crise e, ainda, quais os investimentos que podem vir a ser concretizados visando obter um retorno, e, assim, realizar os sonhos materiais. Dessa forma, as finanças pessoais contemplam as decisões econômicas dos indivíduos e das famílias e têm como objetivo maximizar a riqueza por meio de decisões de investimentos, financiamento e consumo alinhado com os objetivos pessoais (SAITO, 2007).

É fato que o tema finanças pessoais é atual. Este aborda o comportamento e conceitos financeiros das pessoas físicas ao lidarem com dinheiro e planejamento financeiro. Por exemplo: orçamento doméstico, cálculo de investimentos, gerenciamentos de contas correntes, planos de aposentadoria, acompanhamento de patrimônio e acompanhamento de gastos como

tarefas relacionadas com finanças pessoais (LEAL; NASCIMENTO, 2011). Nesse cenário surge a importância da capacitação dos professores sobre conhecimentos de finanças pessoais. Por meio do Ministério da Educação (MEC, 2021), em parceria com a Comissão de Valores Mobiliários (CVM, 2021), o Governo Federal (2021) lançou o Programa Educação Financeira nas Escolas, com o objetivo de oferecer aos professores cursos gratuitos de formação em educação financeira, para que o tema esteja presente nas salas de aula. Brito, em nota do MEC (2021), afirma: “Muitas vezes nós queremos colocar a educação financeira em pauta dentro das escolas, mas nos esquecemos de possibilitar a segurança do professor sobre o tema. Um professor seguro do que será desenvolvido potencializa o reflexo nos estudantes”.

Neste contexto, pode-se mencionar a iniciativa da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que promoveu o Projeto Educação Financeira em tempos de Covid-19 (CARRARO, 2020). O projeto faz parte do Programa Educação Financeira para Todos e para Vida, tendo como objetivo melhorar a vida das pessoas, através da Educação Financeira. A ação conta com o auxílio de alunos e egressos voluntários dos cursos de Contábeis, Atuárias e Design, além de pessoas externas à UFRGS. Citam-se trabalhos de pesquisa que estão sendo realizados por Carraro et al. (2016; 2021) e Moreira et al (2020) tratando sobre essa temática, tanto junto a área empresarial quanto acadêmica e junto à comunidade. São atividades paralelas de Pesquisa e Extensão, como os cursos MOOC (do inglês *Massive Open Online Course*) da UFRGS, na plataforma Lúmina. Plataforma essa que oferece cursos *on-line*, abertos, gratuitos, com o objetivo de oportunizar a difusão dos conhecimentos para um número massivo de pessoas.

Segundo Leal e Melo (2007 p. 6), ressalta que atuar acadêmica ou profissionalmente nas áreas financeiras não elimina a possibilidade de o indivíduo não conseguir lidar com questões relacionadas a suas finanças. Sendo assim, ações que estimulem e proporcionem o contato com a educação financeira devem ser adotadas nas diversas classes sociais e faixas etárias. Já Pires (2006, p. 12) acredita que “tratar as finanças pessoais como uma área de conhecimento sistêmico e transmissível, no âmbito da ciência econômica, é uma necessidade contemporânea”. No Brasil, a busca por melhor compreensão das questões financeiras pessoais em todas as áreas no contexto do conhecimento financeiro também vem ganhando maior destaque, principalmente ao relacionar populações específicas de áreas acadêmicas e profissionais das finanças (ASSAF NETO; LIMA, 2009).

Perante o exposto, esta pesquisa visa responder à seguinte questão: *qual o perfil das decisões financeiras dos docentes da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul?* Deste modo, o objetivo geral deste estudo consiste em identificar o perfil das decisões financeiras adotadas pelos docentes da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Administração da Universidade do Rio Grande do Sul.

Diante deste contexto, destaca-se que a administração das finanças pessoais, como atividade aplicada à gestão do patrimônio de pessoas físicas, pode inserir-se no âmbito dos professores da área de economia e administração, tanto na realização de seus próprios planejamentos financeiros como na gestão e ensino da gestão do patrimônio pessoal a outras pessoas físicas (CORDEIRO; COSTA; SILVA, 2018). Assim, no que diz respeito à relevância, o estudo se justifica, uma vez que possibilita o conhecimento do perfil do grupo analisado e permite contribuir para o processo de tomada de decisões financeiras dos docentes. Além disso, tem-se trazido ao contexto do ensino formal a educação financeira pessoal. Dessa maneira, para realização de tais competências nos discentes, o docente necessita aprimorar-se quanto aos aspectos relativos às opções de investimento e fluxo de caixa pessoal, por exemplo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção apresenta os fundamentos teóricos que embasam o estudo, estando dividida em quatro partes. A primeira discorre sobre o planejamento financeiro pessoal; a segunda aborda a importância da educação financeira; a terceira retrata sobre o perfil dos investidores brasileiros; e a quarta explana sobre os estudos relacionados com o tema desta pesquisa.

2.1 PLANEJAMENTO FINANCEIRO PESSOAL

Segundo dados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA, 2018), 42% dos brasileiros não tinham algum dinheiro guardado e apenas 9% aplicaram em produtos. Um dos principais motivos para as pessoas não investirem é a falta de dinheiro. Apenas 32% da população conseguiu economizar no ano passado e, deste universo, menos da metade (42%) aplicou em produtos financeiros. O restante utilizou o dinheiro de forma bastante pulverizada: comprou casa ou carro, reformou o apartamento, viajou, focou nos estudos, pagou dívidas, entre outros.

É neste contexto que se percebe a necessidade de um planejamento financeiro pessoal. Frankenberg (1999, p. 31) define planejamento financeiro pessoal como sendo: “Estabelecer e seguir uma estratégia precisa, deliberada e dirigida para a acumulação de bens e valores que irão formar o patrimônio de uma pessoa e de sua família. Essa estratégia pode estar voltada para curto, médio ou longo prazo, e não é tarefa simples”. Em contrapartida, Cherobim e Espejo consideram que o planejamento financeiro pessoal é a explicitação das formas de como os recursos necessários serão viabilizados para atingir os objetivos individuais.

A compreensão da nossa realidade financeira, a identificação das necessidades da nossa família, a priorização dessas necessidades por um lado, e a quantificação dos recursos disponíveis para satisfazê-las, por outro lado (salário, aluguéis, pensões e ajustas de custo, rendimentos financeiros), facilitam a elaboração do nosso planejamento financeiro pessoal (CHEROBIM; ESPEJO, 2010, p. 30).

Segundo Macedo Junior (2007), o planejamento financeiro serve como um processo do gerenciamento do dinheiro para atingir a satisfação pessoal. Esse autor ainda reforça a importância de ter objetivos realistas, e que possam ser alcançáveis, específicos, mensuráveis, previsíveis e priorizados. Em outras palavras, o indivíduo deve saber o que quer, quando e em quanto tempo deseja alcançar tal objetivo, e ter uma sequência do que gostaria de realizar primeiro. O planejamento começa com a elaboração de planos, os quais orientam a formulação de estratégias para que objetivos sejam concretizados, e no Planejamento Financeiro Pessoal não é diferente (GITMAN, 2010).

Tal planejamento envolve escolhas de créditos, opções de investimento, ponderação de gastos e controle do fluxo de caixa pessoal, para que se conquiste o padrão de vida desejado (EID JUNIOR; GARCIA, 2001). O planejamento financeiro independe da renda do indivíduo, sendo este o procedimento adotado para gerenciar seu dinheiro com o intuito de atingir a satisfação pessoal, o que confere condições ao sujeito para controlar a situação financeira a fim de atender necessidades e alcançar objetivos no decorrer da vida (MACEDO JUNIOR, 2007).

Segundo Wohleberg, Braum e Rojo (2011), planejamento financeiro não consiste em apenas definir onde e como gastar o dinheiro, mas também em analisar opções de investimento de recursos financeiros, ponderar se um novo emprego ofertado será mais viável, escolher utilizar crédito apenas quando for vantajoso e muitos outros fatores com que as pessoas se deparam no cotidiano. Já Cerbasi (2004) destaca que planejar não é apenas evitar saldos bancários negativos, pois a grande importância do planejamento é alcançar um nível de vida e mantê-lo.

2.2 IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

De acordo com Bitencourt (2004), uma grande parcela da população brasileira realiza movimentações financeiras como recebimentos de salários, pagamentos de contas, utilização da conta bancária e dos cartões de débito e crédito, contratação de empréstimos, aplicações financeiras, entre outros. Mesmo assim, poucos têm condições de afirmar que são íntimos das finanças.

Segundo Macedo Junior (2007), somente uma em cada seis pessoas no Brasil tem poupança e apenas um em cada três brasileiros não possui dívidas, excluindo dessa lista as dívidas com o pagamento da casa própria. Conforme o mesmo autor, em pesquisa publicada pela revista Money, 25% dos norte-americanos poupam para a aposentadoria. Já no Brasil, apenas uma em cada seis pessoas tem o hábito de poupar, independente do objetivo.

Diante desse contexto surge a importância da alfabetização financeira. Messy e Monticone (2016) afirmam que alfabetização financeira é uma competência crítica no século 21 para os indivíduos, sendo necessária a existência de esforços para o seu aprimoramento, a fim de apoiar o crescimento econômico em qualquer economia mundial. Despertar e fomentar a cultura de educação financeira no país amplia a consciência do cidadão e o ajuda a administrar corretamente seus recursos, contribuindo para a eficiência e solidez do mercado e sistema financeiro (BACEN, 2013).

Há evidências crescentes de que as pessoas com índices mais elevados de alfabetização financeira são mais capazes de gerir o seu dinheiro, participar do mercado de ações e possuir um melhor desempenho em seus investimentos (HILGERT; HOGARTH; BEVERLY, 2003)

Conforme a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF):

Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (2010).

Para Negri (2010, p. 19):

Educação Financeira é um processo educativo que, por meio de aplicação de métodos próprios, desenvolve atividades para auxiliar os consumidores a orçar e gerir a sua renda, a poupar e a investir; são informações e formações significativas para que um cidadão exerça uma atividade, trabalho, profissão e lazer, evitando tornarem-se vulneráveis às armadilhas impostas pelo capitalismo.

A educação financeira é necessária na vida das pessoas, constantemente elas se deparam com situações que, de alguma forma, exigem conhecimentos financeiros, seja para planejar uma viagem, decidir a melhor opção para comprar um imóvel próprio, realizar algum tipo de financiamento, ou até mesmo investir em algum plano de aposentadoria. Entre os benefícios que a educação financeira proporciona, podem-se destacar os seguintes: promove o equilíbrio das finanças pessoais; ajuda o indivíduo a encarar eventuais imprevistos financeiros; alerta o indivíduo sobre questões de fraudes (BACEN, 2013).

Educação financeira pode ser entendida como o processo de transmissão de conhecimento que permite o aprimoramento da capacidade financeira dos indivíduos, de modo que estes possam tomar decisões fundamentadas e seguras, tornando-se mais integrados à sociedade, com uma postura mais atuante no âmbito financeiro, ampliando o seu bem-estar

(SAITO, 2007). Conforme Borges (2014), objetivo real da educação financeira é criar uma mentalidade adequada e saudável em relação ao bom uso do dinheiro na aquisição de bens e serviços, e auxiliar decisões de investimentos nas aplicações financeiras.

2.3 PERFIL DOS INVESTIDORES BRASILEIROS

Quanto ao perfil dos investidores brasileiros, segundo pesquisa realizada pela Anbima (2020) a poupança se mantém como o produto preferido dos investidores, na sequência, aparecem os fundos de investimento (6%), seguidos dos títulos privados (5%), dos planos de previdência (5%), títulos públicos (4%) e ações (3%). O perfil do brasileiro que investe na caderneta de poupança, está proporcionalmente dividido entre homens e mulheres (50% em cada gênero), da classe C (65%), com ensino médio completo (48%) e renda familiar mensal de cerca de R\$ 4,4 mil. Já os brasileiros que investem em outros produtos, a maioria são homens (63%) das classes A ou B (72%), com ensino superior completo (60%) e renda familiar mensal de cerca de R\$ 9,4 mil.

Por sua vez, a B3 fechou em outubro de 2020 com 3.174.090 investidores pessoas físicas. Desse total, as mulheres tiveram uma participação de apenas 25,47% desse total. Tal resultado pode ser justificado, devido ao fato das mulheres terem conquistado a independência financeira depois que os homens. Devido a esse fato, teriam mais dificuldade em lidar com dinheiro.

Rivas (2020), na mesma linha de raciocínio, expõe que, além do processo histórico fazer parte desta desigualdade, os padrões culturais que colocaram os homens sob a figura de provedores, podem ter deixado a relação deles com as finanças muito mais natural. Já para as mulheres, além de ser tudo muito novo, ainda lidam com outras influências na hora de falar das finanças: as características comportamentais que podem atrapalhar os investimentos.

Neste contexto, de acordo com uma pesquisa realizada pela Anbima (2020); (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais), 4,9% dos homens afirmaram comprar papéis de empresas na bolsa, sendo que apenas 1,5% das mulheres afirmaram investir na modalidade. De acordo com o estudo, tal explicação é que provavelmente as mulheres têm menos educação financeira do que os homens. Segundo o autor, é preciso diminuir esse grau de desconhecimento com cursos e treinamentos.

Apesar do aumento considerável e acelerado de mulheres na B3, a participação do gênero feminino na aplicação de produtos de renda variável negociados na bolsa de valores (ações, ETFs, FIIs e BDRs) se movimentou pouco nos últimos anos: por volta de 5%. Em junho o público feminino ainda representava 29% do total de investidores em ações e outros produtos, apesar de corresponder a 51,8% da população brasileira. Do mesmo modo, em relação ao percentual de investimentos das mulheres em criptomoedas, constata-se que estas investem cerca de 4,7% menos que os homens. Os resultados apresentados convergem com o atual cenário brasileiro no mercado financeiro.

A B3 (2020) relata que os jovens têm optado cada vez mais por exposição a investimentos fora do Brasil e ligados a tecnologia. Atualmente, no Brasil, mais de 42% dos usuários da plataforma possuem entre 18 e 25 anos (GUSSON, 2021). Em convergência com estes achados está o estudo realizado pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EESP, 2021). De acordo com a pesquisa, jovens de até 29 anos são os que mais têm conhecimento sobre criptoativos. Igualmente, são o público mais propenso a tolerar riscos nos investimentos.

Já dados apurados na plataforma da Monis – empresa de poupança por assinatura via cartão de crédito do país –, em reportagem de Santos para o Portal R7 (2021), as mulheres têm maior presença na plataforma, mas são os homens que guardam os maiores valores. Ainda segundo a pesquisa dessa plataforma, a renda média de quem poupa varia, principalmente, entre

as classes A e B: a maior parte ganha entre R\$ 5.000,00 e R\$ 15.000,00 por mês e guarda por volta de 5% a 10% desse valor. Em relação a faixa etária, essa pesquisa apontou que pessoas entre 25 e 35 anos são as que mais estão poupando. Essa faixa etária que se diferencia da apurada em pesquisas mais amplas como o Raio X do Investidor, da Anbima (2020), que aponta a idade média de 43 anos para investidores.

2.4 ESTUDOS RELACIONADOS ÀS FINANÇAS PESSOAIS

Primeiramente, cita-se um estudo de caso no âmbito internacional, na Universidade de Padjadjaran (NIDAR; BESTARI, 2012) cujo objetivo foi obter uma descrição da educação e alfabetização financeira dos alunos da Universidade Padjadjaran e analisar os fatores que as influenciam. O estudo utilizou técnicas de amostragem aleatória estratificada, sendo aplicados 400 questionários aos alunos ativos da Universidade Padjadjaran. Os dados coletados foram analisados por meio de regressão logística. Esse estudo evidenciou que os níveis de alfabetização de finanças pessoais dos alunos na Universidade Padjadjaran foram classificados na categoria baixa, e, portanto, precisam ser melhorados, especialmente para as áreas de: investimento, crédito e seguro. Observou-se que o: nível de educação, corpo docente, renda pessoal, conhecimento dos pais, renda dos pais e propriedade de seguro têm impacto significativo na educação financeira dos estudantes da Universidade de Padjadjaran.

No cenário nacional, Potrich, Vieira e Kirch (2015), propuseram desenvolver um modelo que explique o nível de alfabetização financeira dos indivíduos a partir de variáveis socioeconômicas e demográficas. A amostra consistiu em 1.400 indivíduos residentes no Rio Grande do Sul e a análise dos dados foi realizada por meio de estatísticas descritivas e técnicas de análise multivariada. O estudo constatou que os indivíduos do gênero masculino, que não possuem dependentes e têm maiores níveis de escolaridade e de renda própria e familiar, são os que apresentam maior propensão a pertencer ao grupo com alto nível de alfabetização financeira. Além disso, constatou-se que mulheres geralmente apresentam menores níveis de alfabetização financeira do que homens. Tal achado foi consistente com a hipótese de que há diferenças na forma como homens e mulheres são educados em relação aos aspectos financeiros e/ou na forma como encaram essas questões. Os resultados encontrados em Potrich, Vieira e Kirch (2015) ratificaram as expectativas de estudos anteriores, apontando que as mulheres eram detentoras de menores níveis de alfabetização financeira (SERVON, KAESTNER, 2008; MOTTOLA, 2013).

Retomando os estudos no âmbito internacional, evidencia-se o estudo realizado por Xiao e O'Neill (2016) que objetivou explorar os potenciais efeitos da educação financeira sobre a capacidade financeira dos consumidores americanos (alunos que receberam educação financeira na escola ou não). Dados do estudo de Capacidade Financeira Nacional de 2012 foram usados para testar a hipótese de que a educação financeira está positivamente associada com a capacidade financeira. Quatro variáveis de alfabetização financeira e comportamento foram usadas para formar um índice de capacidade. Os resultados da regressão linear multivariada mostraram que, após controlar para variáveis demográficas e financeiras, os entrevistados que já receberam educação financeira tiveram pontuações mais altas em todos os indicadores de capacidade financeira (literatura financeira objetiva, subjetiva alfabetização financeira, comportamento financeiro desejável, capacidade financeira percebida e índice de capacidade). Além disso, as variáveis de ensino médio, faculdade e educação financeira no local de trabalho mostraram associações positivas com esses indicadores.

Como forma de aperfeiçoamento dessa temática no contexto nacional, destaca-se o estudo de Freitas e Souza (2017) que objetivou discutir a percepção de professores sobre o tema de finanças pessoais. A pesquisa caracterizou-se como quali-quantitativa, de caráter exploratório-descritivo-conclusivo, sob a ótica das finanças comportamentais. Utilizando-se

questionário estruturado adaptado do trabalho de Potrich, Vieira e Kirch (2015), avaliou-se quatro variáveis: Atitude Financeira, Comportamento Financeiro, Competência Financeira e Visão sobre Políticas Públicas. O estudo concluiu que os professores possuem conhecimentos sobre finanças pessoais e que a atitude financeira e o comportamento financeiro, assim como a competência financeira e a visão sobre as políticas públicas estão totalmente correlacionadas. Observou-se, também, que a atitude financeira *versus* a competência financeira, assim como o comportamento financeiro *versus* a competência financeira e o comportamento financeiro *versus* a visão sobre as políticas públicas possuem total interdependência uns dos outros.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa a ser realizada classifica-se como quantitativa em relação à abordagem do problema, pois pauta-se na mensuração ou quantificação, tanto na coleta quanto na análise dos dados (BRYMAN, 1988; RICHARDSON, 1999). No tocante a finalidade, trata-se de uma investigação descritiva, que, de acordo com Gil (2002, p. 42), tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

3.2 COLETA DE DADOS

Acerca dos procedimentos técnicos, empregou-se um levantamento ou *survey*, que consiste na coleta de dados por meio de um questionário aplicado a determinada população ou público de interesse (FONSECA, 2002). Consequentemente, a amostra entendida como uma parcela representativa da população (LAKATOS; MARCONI, 2017) será do tipo probabilística por conveniência (HAIR JR. et al., 2005).

O instrumento de coleta de dados empregado consistiu em um questionário, aplicado em docentes dos cursos de Administração, Ciências Atuarias, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Relações Internacionais em uma Instituição Federal de Ensino Superior localizada no Rio Grande do Sul. Tal questionário foi respondido voluntariamente pelos docentes dos cursos mencionados. Foi explicitamente esclarecido que não havia respostas corretas, uma vez que as escolhas dependiam de preferências e experiências individuais. Destaca-se que a aplicação do questionário ocorreu por meio eletrônico entre os dias 25 de setembro e 6 de outubro de 2021, através da ferramenta Google Forms.

Assim, o questionário utilizado abrangeu questões concernentes a análise do perfil de investidor dos docentes. A amostra final foi composta por 54 docentes da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Administração. Para cálculo da amostra mínima válida, considerou-se um nível de confiança de 95%, erro amostral de 5% e heterogeneidade de 95% sobre a população de 179 professores dos cursos citados anteriormente.

3.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Para análise do perfil das decisões financeiras dos professores, o questionário foi explorado de duas formas distintas. Desta forma, foi possível comparar os resultados provenientes dos docentes com diferentes características.

- a. Por gênero dos docentes;
- b. Idade dos docentes;

Tal escolha de análise por gênero e idade se deu com base em Servon e Kaestner (2008); Mottola, (2013); Potrich, Vieira, Kirch (2015); Borges (2020); Andrade (2021) e B3 – Bolsa, Brasil e Balcão (2021). Tais estudos destacam a necessidade de melhores níveis de alfabetização financeira das mulheres, embora a B3, no ano de 2021, tenha observado um crescimento significativo de participação das mulheres (25%) no mercado de ações. Porém, a mesma B3 observa que ainda há a necessidade de programas de educação financeira para o gênero feminino. Quanto a escolha das características da idade, Andrade (2021) e Quesada (2021) salientam que, embora a participação dos investidores na Bolsa tenha crescido mais de 20% de janeiro a setembro de 2021, a maioria dos novos investidores têm entre 25 e 39 anos.

Para organização dos dados e operacionalização dos testes utilizou-se o *software SPSS* (versão 16.1) e do Microsoft Excel, que possibilitou tanto a tabulação quanto a elaboração de tabelas e representações gráficas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentadas as informações obtidas através das respostas do questionário aplicado aos docentes da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Primeiramente são apresentados os dados gerais dos docentes, e, em seguida, as análises do perfil de investidor.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

A primeira seção do questionário contemplava aspectos relacionados à identificação do perfil dos respondentes. Desta forma, as variáveis: gênero, curso no qual leciona, faixa etária, grau de formação, renda bruta mensal (individual e familiar) e dependentes financeiros apresentam suas frequências relativas e absolutas na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos respondentes

Perfil	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Gênero		
Feminino	25	46,3%
Masculino	29	53,7%
Professor de qual curso da UFRGS		
Administração	13	24,1%
Ciências Atuárias	1	1,8%
Ciências Contábeis	18	33,3%
Ciências Econômicas	20	37,1%
Relações Internacionais	2	3,7%
Faixa etária		
Até 30 anos	3	5,5%
De 31 a 40 anos	11	20,4
De 41 a 50 anos	17	31,5%
De 51 a 60 anos	15	27,8%
Mais de 60 anos	8	14,8%
Grau de formação		
Graduação	0	0,0%
Especialização	1	1,8%
Mestrado	5	9,3%

Doutorado	37	68,5%
Pós-doutorado	11	20,4%
Renda bruta individual mensal		
Até 6 salário-mínimo	1	1,8%
De 7 a 10 salários-mínimos	22	40,7%
De 11 a 14 salários-mínimos	14	26,0%
De 15 a 18 salários-mínimos	10	18,5%
Mais de 18 salários-mínimos	7	13,0%
Renda bruta familiar mensal		
Até 6 salário-mínimo	0	0,0%
De 7 a 10 salários-mínimos	10	18,5%
De 11 a 14 salários-mínimos	13	24,1%
De 15 a 18 salários-mínimos	11	20,4%
Mais de 18 salários-mínimos	20	37,0%
Dependentes Financeiros		
Nenhum	17	31,5%
De 1 a 2 dependentes financeiros	33	61,1%
De 3 a 4 dependentes financeiros	4	7,4%
De 5 a 6 dependentes financeiros	0	0,0%
Mais de 6 dependentes financeiros	0	0,0%

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

A Tabela 1 permitiu avaliar o perfil dos respondentes quanto aos dados sociodemográficos, na qual predominaram as seguintes características: sexo masculino, com 53,7%; em relação ao curso que leciona, 37,1% dos respondentes são professores do curso de Ciências Econômicas; em relação a faixa de idade, 31,5% dos respondentes têm entre 41 a 50 anos; no grau de formação, 68,5% dos docentes têm doutorado. Quanto a faixa de renda bruta mensal individual, 40,7% têm renda de 7 a 10 salários-mínimos. Já em relação à faixa de renda bruta mensal familiar, 37% têm renda superior a 18 salários-mínimos; e no que se refere ao número de dependentes financeiros, 61,1% dos respondentes têm de 1 a 2 dependentes financeiros.

4.2 ANÁLISE DO PERFIL DE INVESTIDOR DOS DOCENTES

Após verificar o perfil dos respondentes, analisam-se as demais questões relacionadas ao tema finanças pessoais, de modo a responder à questão de pesquisa desse estudo. Desta forma, na Tabela 2 é possível identificar o costume em manter uma reserva de emergência de acordo com o gênero dos docentes. No total dos respondentes, uma média aritmética de 2% declarou nunca possuir reserva financeira, 5,7% quase nunca, 3,7% às vezes, 18,9% quase sempre, e 69,6% sempre.

Tabela 2 – Reserva financeira por gênero

	Feminino	Masculino
Nunca	4,0%	0,0%
Quase nunca	8,0%	3,4%
Às vezes	4,0%	3,4%
Quase sempre	24,0%	13,8%
Sempre	60,0%	79,3%

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Perante os resultados da Tabela 2, constatou-se que os professores do gênero masculino tendem a poupar mais, de acordo com a amostra. Tal resultado (Tabela 2) pode sugerir o relatado na pesquisa dentro da plataforma de Momis (2021), em que as características predominantes do público que mais guarda dinheiro são: homens, entre 25 e 35 anos, das classes A e B, a maior parte ganhando entre R\$ 5.000,00 e R\$ 15.000,00 por mês e guardando por volta de 5% a 10% desse valor.

Com dados da Tabela 3, verificou-se o perfil investidor dos docentes, em sua maior parte. No total dos respondentes, uma média aritmética de 9,1% declarou não possuir histórico como investidor, 11,4% relataram realizar investimentos entre 1 e 24 meses, 15,7% entre 25 e 48 meses, 11,1% entre 49 e 72 meses, 52,4% mais de 72 meses.

Tabela 3 – Histórico como investidor por gênero

	Feminino	Masculino
Não possuo histórico	8,0%	10,3%
Entre 1 e 24 meses	16,0%	6,9%
Entre 25 e 48 meses	28,0%	3,4%
Entre 49 e 72 meses	12,0%	10,3%
Mais de 72 meses	36,0%	68,9%

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Conforme os resultados da Tabela 3, constatou-se que os homens entrevistados realizam investimentos há muito mais tempo do que as mulheres. Este resultado (Tabela 3), pode-se ser justificado por comportamentos históricos. Segundo a B3 (2020) as mulheres terem conquistado a independência financeira depois que os homens, e conseqüentemente teriam mais dificuldade em lidar com dinheiro.

De acordo com a Tabela 4 foi possível analisar a frequência que os professores realizam investimentos. No total dos respondentes, uma média aritmética de 29,5% declarou fazer investimentos em intervalos de até 60 dias, 8,9% em intervalos de 61 a 121 dias, 9,1% em intervalos de 122 a 182 dias, 5,7% em intervalos superiores a 182 dias. Já o percentual significativo de 46,7% relatou não ter uma periodicidade definida para realizar investimentos.

Tabela 4 – Frequência do investimento por gênero

	Feminino	Masculino
Em intervalos de até 60 dias	28,0%	31,0%
Em intervalos de 61 a 121 dias	4,0%	13,8%
Em intervalos de 122 a 182 dias	8,0%	10,3%
Em intervalos superiores a 182 dias	8,0%	3,4%
Não há uma periodicidade definida	52,0%	41,4%

Fonte: Elaborada a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Conforme a Tabela 5, verificou-se o prazo que os respondentes pretendem manter seus recursos investidos. No total dos respondentes, uma média aritmética de 8,0% mantém seus recursos investidos por até 1 ano, 46,1% de 2 a 10 anos, 13,4% de 11 a 19 anos, 12,6% de 20 a 28 anos, e 19,8% mais de 28 anos.

Tabela 5 – Tempo dos recursos investidos por gênero

	Feminino	Masculino
Até 1 ano	16,0%	0,0%
De 2 a 10 anos	44,0%	48,3%
De 11 a 19 anos	20,0%	6,9%
De 20 a 28 anos	8,0%	17,2%
Mais de 28 anos	12,0%	27,6%

Fonte: Elaborada a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Na sequência, a Tabela 6 demonstra a queda máxima que os respondentes admitem sem optar pelo resgate dos investimentos. Considerando a média aritmética entre os gêneros, 18,6% não admite queda, 33,5% até 5%, 28,6% de 6% a 20%, 8,6% de 21% a 50%, 10,6% acima de 50%.

Tabela 6 – Queda máxima do capital investido sem resgate do investimento por gênero

	Feminino	Masculino
Nenhuma	20,0%	17,2%
Até 5 %	36,0%	31,0%
De 6% a 20%	40,0%	17,2%
De 21% a 50%	0,0%	17,2%
Acima de 50%	4,0%	17,2%

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

A média obtida sobre o total do capital aplicado em bancos e corretoras, utilizando os dados da Tabela 7, foi de 45% até R\$ 100.000,00; 11,1% entre R\$ 100.001,00 e 200.000,00; 6,9% entre R\$ 200.001,00 e 300.001,00; 5,1% entre R\$ 300.001,00 e 400.000,00; 31,8% acima de R\$ 400.000,00.

Tabela 7 – Capital aplicado em bancos e corretoras por gênero

	Feminino	Masculino
Até R\$ 100.000,00	52,0%	38,0%
Entre R\$ 100.001,00 e 200.000,00	12,0%	10,3%
Entre R\$ 200.001,00 e 300.000,00	0,0%	13,8%
Entre R\$ 300.001,00 e 400.000,00	0,0%	10,3%
Acima de R\$ 400.000,00	36,0%	27,6%

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Evidencia-se, na Tabela 8 dados quanto a realização de investimentos na bolsa de valores, ao se calcular a média aritmética entre os gêneros, está foi de 29% que realiza investimentos, enquanto 71% não realiza.

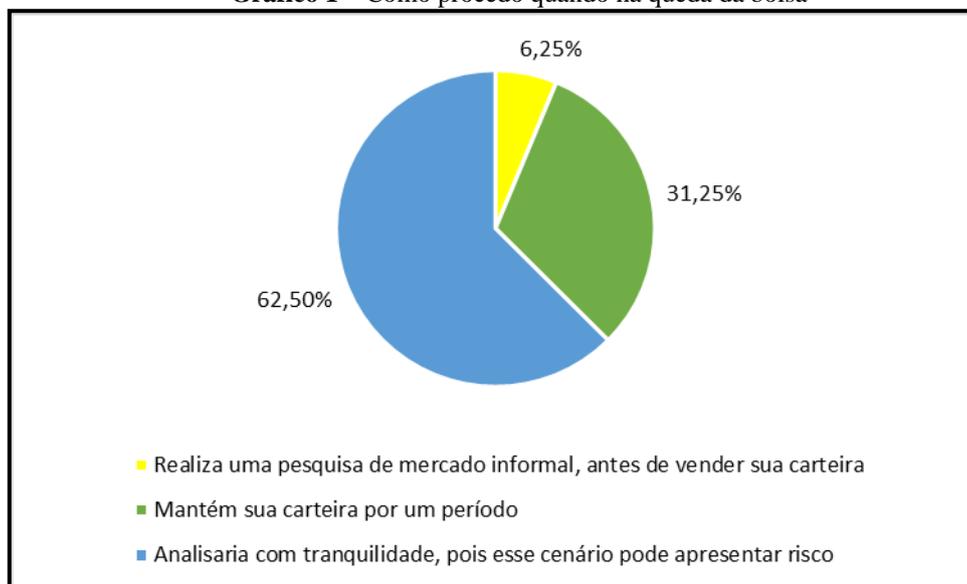
Tabela 8 – Investimento em bolsa de valores por gênero

	Feminino	Masculino
Sim	20,0%	38,0%
Não	80,0%	62,0%

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

De acordo com os resultados da Tabela 8, verificou-se que os homens investem mais que as mulheres na Bolsa de Valores. Tal resultado (Tabela 8) pode indicar o relatado na pesquisa da Anbima (2020), em que apenas 1,5% das mulheres afirmaram comprar papéis de empresas na bolsa, enquanto 4,9% dos homens afirmaram investir nesta modalidade. De acordo com este estudo, tal explicação é que provavelmente as mulheres têm menos educação financeira do que os homens.

Em relação aos professores que responderam investir na bolsa de valores, um total de 62,50% alegou que quando ocorre a queda da bolsa estes analisam com tranquilidade, pois esse cenário pode apresentar risco, de acordo com o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Como procedo quando há queda da bolsa

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

A Tabela 9 contém dados quanto a realização de investimentos em criptomoedas, uma média aritmética de 18,3% realiza investimentos, enquanto 81,6% não realiza.

Tabela 9 – Investimento em criptomoedas por gênero

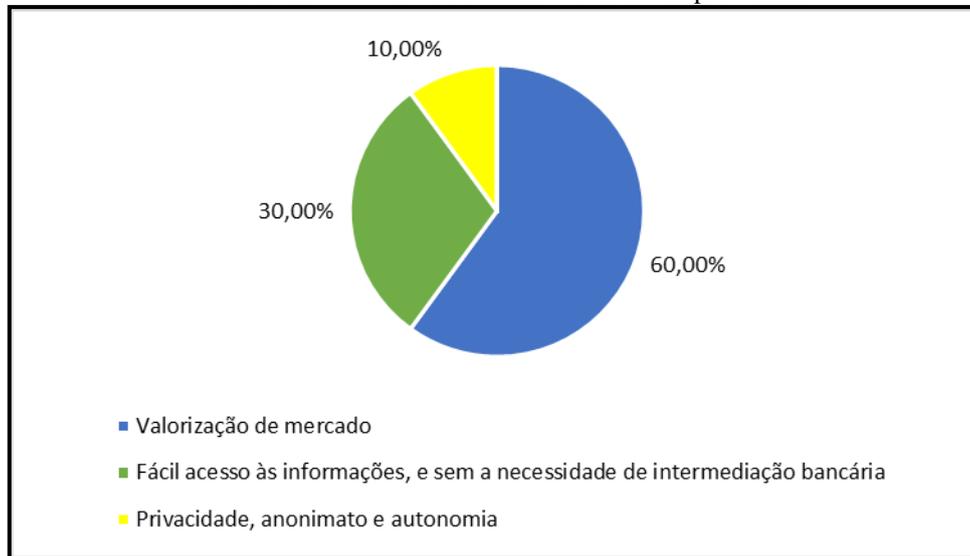
	Feminino	Masculino
Sim	16,0%	20,7%
Não	84,0%	79,3%

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Em relação ao percentual de investimento das mulheres em criptomoedas, constata-se que estas investem cerca de 4,7% menos que os homens. Os resultados apresentados convergem com o atual cenário brasileiro no mercado financeiro. De acordo com um levantamento realizado pela B3 (2020), o número de investidoras pessoa física cresceu 118%, atingindo 847 mil, mas as mulheres são apenas 26% do total de investimentos brutos. Nota-se que as mulheres brasileiras tendem a seguir um perfil menos arriscado de investimentos.

Em relação aos que responderam investir em criptomoedas, um total de 60% alegou que o motivo de investir em criptomoedas é devido à valorização de mercado, conforme o Gráfico 2.

Gráfico 2 – Motivo do investimento em criptomoedas



Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Segundo Foxbit (2019), as criptomoedas têm a mesma aplicação que as moedas digitais, uma vez que podem ser usadas para realizar transações *online*. Do mesmo modo, que acontece quando se compra com cartões de crédito, *Paypal* ou outros meios de pagamento semelhantes. A vantagem das criptomoedas em relação a esses meios de pagamentos é que há isenção de impostos, mais agilidade nas transações a distância e maior segurança, pois as operações guardam informações como data, hora, quem pagou, quem recebeu e são permanentes, ou seja, não ocorrendo alteração desses dados (INFOMONEY, 2020).

Na sequência, a Tabela 10 evidência os dados sobre o comportamento do investidor. A média aritmética calculada daqueles que possuem um perfil conservador foi de 45,2%, já 44,4% consideram ter um perfil moderado, 10,3% arrojado, e 0% agressivo.

Tabela 10 – Comportamento como investidor por gênero

	Feminino	Masculino
Conservador	56,0%	34,5%
Moderado	44,0%	44,8%
Arrojado	0,0%	20,7%
Agressivo	0,0%	0,0%

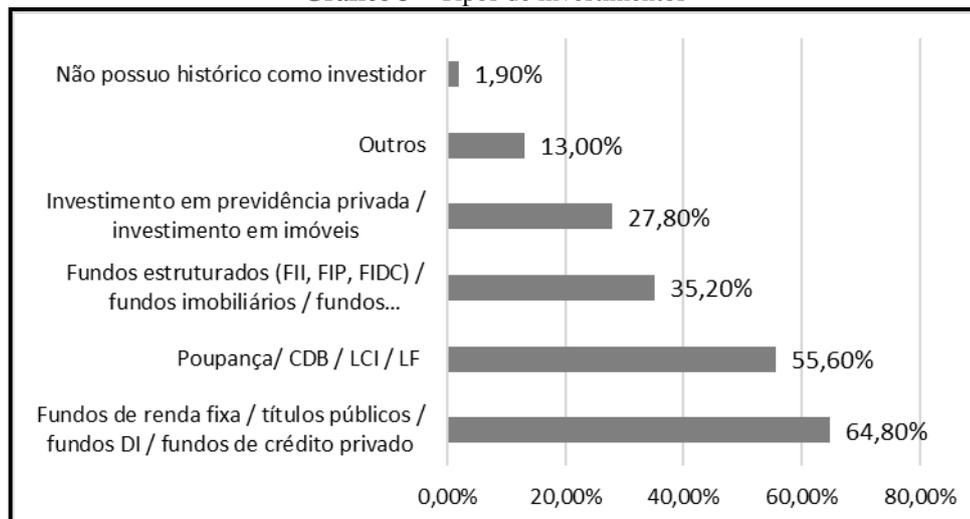
Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Quando analisado o comportamento do investidor por gênero, observa-se um comportamento mais conservador nas mulheres (56%) em comparação aos homens (34%). Tal resultado (Tabela 10) pode sugerir o salientado por Borges (2020) e B3 (2021) quanto a necessidade de que programas de educação financeira tenham como foco o aumento da autoconfiança das mulheres. Além disso a B3 (2021) sugere que, no plano das políticas públicas, a perspectiva de gênero seja incorporada às estratégias nacionais de educação financeira dos diversos países latino-americanos. Destaca-se que o estudo de Potrich, Vieira e Kirch (2015) já havia constatado que mulheres geralmente apresentam menores níveis de

alfabetização financeira do que homens. Esse estudo evidencia que há diferenças na forma como homens e mulheres são educados em relação aos aspectos financeiros e/ou na forma como encaram essas questões. Tais resultados, encontrados em Potrich, Vieira e Kirch (2015), ratificaram as expectativas de estudos anteriores, apontando que as mulheres eram detentoras de menores níveis de alfabetização financeira (SERVON, KAESTNER, 2008; MOTTOLA, 2013).

Na sequência, quanto aos tipos de investimentos realizados pelos professores, de acordo com o Gráfico 3, demonstram que a maioria dos docentes, um total de 64,80% faz investimentos em fundos de renda fixa/ títulos públicos/ fundos DI / fundos de crédito privado.

Gráfico 3 – Tipos de investimentos



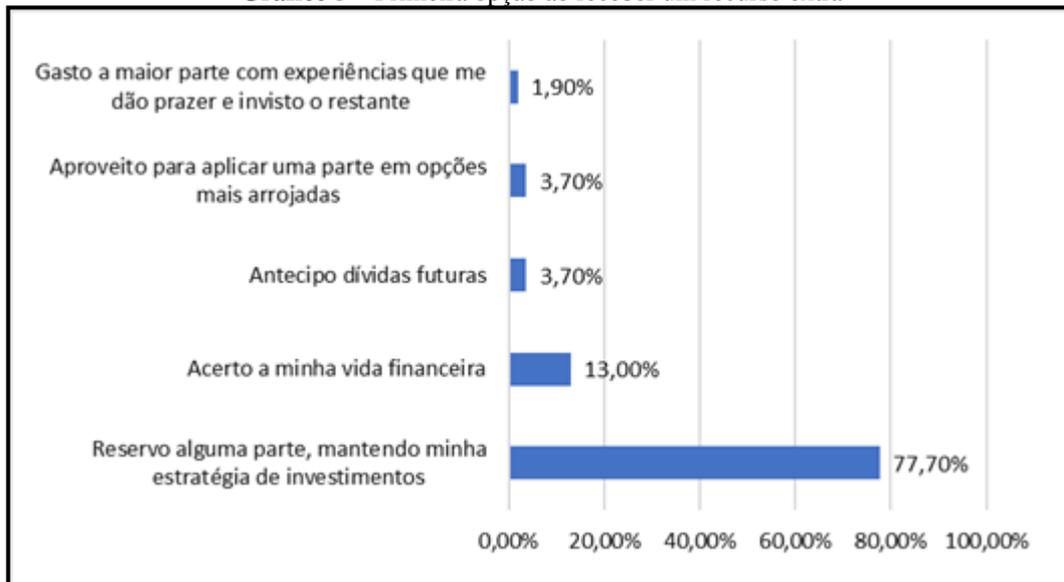
Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

De acordo com a pesquisa realizada pela Anbima (2020) a poupança se mantém como o produto preferido dos investidores brasileiros, na sequência, aparecem os fundos de investimento, seguidos dos títulos privados. Estes dados não coincidem com o resultado obtido no Gráfico 3. Entretanto, tal resultado (Gráfico 3) pode ser justificado pelo perfil socioeconômico dos professores. Segundo dados da Anbima (2020), o público que investe na caderneta de poupança está proporcionalmente dividido entre homens e mulheres (50% em cada gênero), são da classe C (65%), têm ensino médio completo (48%) e renda familiar mensal de cerca de R\$ 4,4 mil. Já aqueles que investem em outros produtos, a maioria são homens (63%) das classes A ou B (72%), tem ensino superior completo (60%) e renda familiar mensal de cerca de R\$ 9,4 mil. No que se refere aos objetivos dos investimentos, de acordo com os respondentes, em sua maioria 37,03% tendem a ser para obter ganhos superiores à inflação, com baixo nível de risco, conforme o Gráfico 4.

Gráfico 4 – Objetivos do investimento

Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Conforme o Gráfico 5, a maioria dos professores 77,70% ao receber um recurso extra, reserva alguma parte mantendo a estratégia de investimento.

Gráfico 5 – Primeira opção ao receber um recurso extra

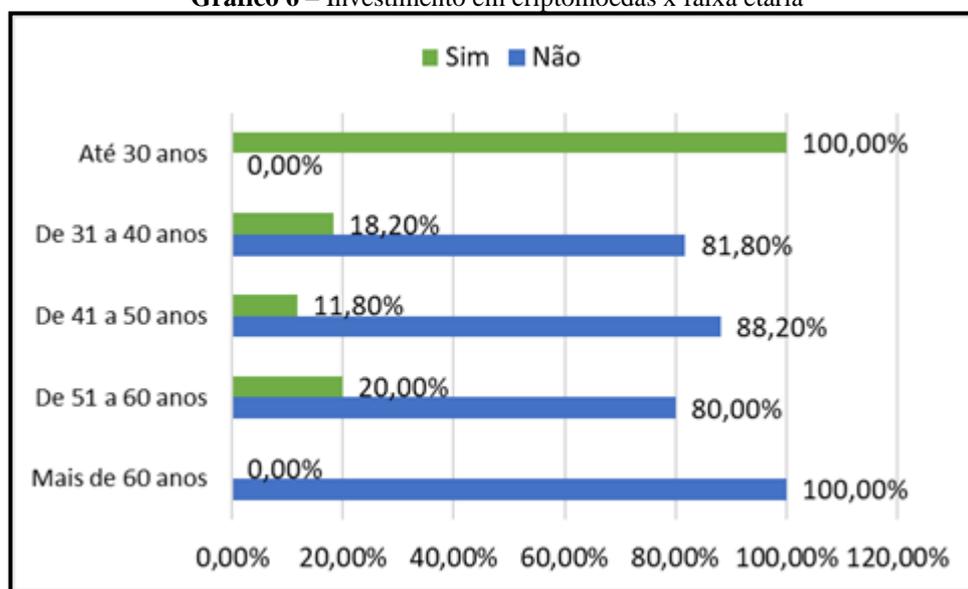
Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

O Gráfico 5 apresenta o percentual total dos respondentes. Entretanto, ao analisar as decisões dos professores perante o recebimento de um recurso extra, de acordo com o gênero dos respondentes. Verificou-se que, entre os docentes do sexo masculino, 86,2% optam por reservar alguma parte mantendo a estratégia de investimentos, 10,3% acertam suas vidas financeiras, e 3,5% antecipam dívidas futuras.

Em relação às docentes do sexo feminino, 68,0% responderam que reservam alguma parte, mantendo a estratégia de investimentos, 16,0% acertam suas vidas financeira, 8,0% aproveitam para aplicar uma parte em opções mais arrojadas, 4,0% antecipam dívidas futuras e 4,0% gastam a maior parte com experiências que dão prazer e investem o restante.

Conforme evidenciado no Gráfico 6, é possível verificar em que percentual, os docentes com menos idade são adeptos aos investimentos em criptomoedas, enquanto os docentes com mais idade não o fazem. Já entre as faixas etárias do meio (entre 31 e 59 anos), observa-se que não seguem um padrão.

Gráfico 6 – Investimento em criptomoedas x faixa etária



Fonte: Elaborado a partir dos dados obtidos na pesquisa (2021).

Os resultados do Gráfico 6, podem indicar o relatado na pesquisa da B3 (2020), onde é salientado que os jovens têm optado cada vez mais por exposição a investimentos ligados a tecnologia e criptomoedas, sendo mais de 42% dos usuários da plataforma são jovens entre 18 e 25 anos.

Por fim, destaca-se o principal achado no geral do estudo, onde conseguiu-se identificar que, prioritariamente, os docentes desta amostra apresentam o perfil conservador e moderado. Além disso, salienta-se a contribuição geral dos dados analisados para discussões acadêmicas futuras, voltadas à educação financeira pessoal, tão necessária em épocas de crises econômicas recorrentes no âmbito nacional e mundial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do estudo foi identificar o perfil das decisões financeiras adotadas pelos docentes da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Administração da Universidade do Rio Grande do Sul. Assim, nos resultados do estudo foi possível verificar os percentuais mais elevados e significativos quanto ao perfil e decisões financeiras dos docentes: 64,8% fazem investimentos em fundos de renda fixa/títulos públicos/fundos DI/fundos de crédito privado; 37% dos professores relataram que o principal objetivo dos investimentos é obter ganhos superiores à inflação com baixo nível de risco; 86,2% dos respondentes homens e 68% das respondentes mulheres informaram que, ao receber um recurso extra, optam por reservar alguma parte, mantendo a estratégia de investimentos. Quanto a tolerância ao risco, 31% dos homens relataram aceitar até 5% da queda do investimento sem realizar o resgate; no que se refere as mulheres, 40% aceitam uma queda de 6% a 20% sem retirar os recursos das aplicações.

Foi possível observar resultados significativos de acordo com a faixa etária dos professores, 100% dos educadores com faixa etária de até 30 anos realizam investimentos em criptomoedas. Em contrapartida, a pesquisa revelou que 100% dos educadores com mais de 60 anos não realizam investimentos nessas moedas. Em relação aos 18,52% dos docentes que

declarou realizar investimentos em criptomoedas, 60% alegou que o motivo de investir em tais investimentos, se dá devido à valorização de mercado. Por sua vez, dos 29,6% professores que investem na bolsa de valores, 62,5% alegou que quando ocorre a queda da bolsa estes analisam com tranquilidade, pois esse cenário pode apresentar risco. No que se refere à classificação do perfil dos educadores, 56% dos respondentes do gênero feminino consideram-se conservador, e 44,8% da amostra do gênero masculino considera-se moderado.

Os resultados desta pesquisa contribuem para que se discuta sobre o conhecimento econômico e financeiro, bem como o perfil traçado das decisões financeiras dos docentes. Este achado pode ser útil para auxiliar na elaboração de novos currículos acadêmicos, uma vez que a área de finanças pessoais no Brasil, ainda é pouco estudada. Entretanto, destaca-se que a pesquisa se limita à amostra estudada, diante da acessibilidade de aplicação do questionário aos professores da Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Administração da UFRGS. Recomenda-se, para estudos futuros, a diversificação do público amostral, bem como a introdução da variável comportamental em relação as decisões financeiras, relacionadas à amostra escolhida para o estudo.

REFERÊNCIAS

ANBIMA. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS. **Menos da metade dos brasileiros têm dinheiro aplicado em produtos financeiros**, 16/08/2018. Disponível em:

https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/menos-da-metade-dos-brasileiros-tem-dinheiro-aplicado-em-produtos-financeiros.htm. Acesso em: 19 out. 2021.

ANBIMA. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS. **Raio x do Investidor Brasileiro**. Disponível em:

https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2020.htm. Acesso em: 20.out.2021

ANDRADE, J. Participação de investidores idosos na Bolsa cresce mais de 20% em nove meses. **Jornal O Estado São Paulo**, 25/02/2021. Disponível em:

<https://investidor.estadao.com.br/comportamento/investidores-idosos-crescem-bolsa>. Acesso em: 05.out. 2021.

ASSAF NETO, A.; LIMA, F. G. **Curso de Administração Financeira**. São Paulo: Atlas, 2009.

B3. BRASIL BOLSA BALCÃO. **Total de investidor pessoa física cresce 43% no primeiro semestre, mostra estudo da B3**, 11/08/2021. Disponível em:

https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/porcentagem-de-investidores-pessoa-fisica-cresce-na-b3.htm. Acesso em: 09.set. 2021.

B3. BRASIL BOLSA BALCÃO. **B3 divulga estudo sobre os 2 milhões de investidores que entraram na bolsa entre 2019 e 2020**, 14/12/2020. Disponível em:

https://www.b3.com.br/pt_br/noticias/investidores.htm. Acessado em: 19.out.2021.

BACEN. BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Cidadania Financeira**. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira/>. Acesso em: 20.set. 2021.

BITENCOURT, C. M. G. **Finanças pessoais versus finanças empresariais**, 2004. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2004.

BORGES, A. Mulheres em ação: a participação feminina no mercado de capitais. **Revista RI – Relações com Investidores**. v.1, n. 243, 2020. Disponível em: <https://www.revistari.com.br/243/1618>. Acesso em: 10.jun. 2021.

BORGES, P. R. S. Educação Financeira: o novo perfil das famílias na administração das finanças pessoais. In: Encontro De Produção Científica E Tecnológica, 9., 2014, Campo Mourão/PR. **Anais...** Campo Mourão/PR, 2014.

BRYMAN, A. **Quantity and quality in social research**. London: Routledge, 1988.

CARRARO, W. B. W. H. **Educação financeira em tempos de Covid-19**: projeto vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/educacaofinanceira/>. Acesso em 20.set.2021.

CARRARO, W.; CARVALHO, C.; BANDEIRA, A. M. **Análise das percepções adquiridas no decorrer de uma capacitação em educação financeira para adultos**. Campus do Vale – UFRGS, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/156840>. Acesso em: 23.set.2021

CARRARO, W.; PEREIRA, M. M.; SOSTER, P.M, 2021. **Dicas para manter sua educação financeira em alta**: projeto educação financeira em tempos de Covid-19. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217579>. Acesso em: 05.out.2021.

CERBASI, Gustavo. **Casais inteligentes enriquecem juntos**. 3. ed. São Paulo: Gente, 2004.

CHEROBIM A. P. M. S; ESPEJO M. M. S. B. **Finanças pessoais: conhecer para enriquecer!** São Paulo: Atlas, 2010.

CORDEIRO, N.; COSTA, M.; SILVA, M. Educação Financeira No Brasil: uma perspectiva panorâmica. **Ensino da Matemática em Debate**, v. 5, n. 1, p. 69–84, 2018.

CVM. **Instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira**, 24/12/2010. Disponível em: <https://www.gov.br/cvm/pt-br/assuntos/noticias/instituida-a-estrategia-nacional-de-educacao-financeira-6b74a1a52ae34f379c7c651e4fc6874f>. Acesso em: 20.out. 2021.

EID JUNIOR, W.; GARCIA, F. G. **Como fazer o orçamento familiar**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (ENEF). Resolução ENEF, **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Disponível em: <http://www.vidaedinheiro.gov.br/o-programa/>. Acesso em: 20.set. 2021.

FERREIRA, Rodrigo. **Como planejar organizar e controlar seu dinheiro**: manual de finanças pessoais. São Paulo: IOB Thomson, 2006.

FGV EESP. **Pesquisa Crypto Hashdex Reports**, 2021. Disponível em: https://eesp.fgv.br/sites/eesp.fgv.br/files/fgv_report_-_2021_-_draft_final.pdf. Acesso em: 03. out. 2021.

FONSECA, J. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

FOXBIT. **Quais são as diferenças entre “criptomoeda” e “moeda digital”?** 2019. Disponível em: <https://foxbit.com.br/blog/quais-sao-as-diferencas-entre-criptomoeda-e-moeda-digital/>. Acesso em: 11.set. 2021.

FRANKENBERG, L. **Seu futuro financeiro**. 8. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

FREITAS. M. L. H; SOUZA. A. A. percepção de professores sobre Finanças Pessoais. **RCA – Revista Científica da AJES**, v. 6, n. 12, p. 1-28, 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GITMAN, L. J. **O papel e o ambiente da administração financeira**. In: Princípios de administração financeira. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GUSSON, C. Bitcoin aqui não: Pesquisas apontam que as mulheres são mais conservadoras que os homens nos investimentos. **Cointelegraph**, 04/09/2021. Disponível em: <https://cointelegraph.com.br/news/research-shows-that-women-are-more-conservative-than-men-in-investments>. Acesso em: 10.out. 2021.

HAIR JR., J. F. et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HILGERT, M.; HOGARTH, J. M; BEVERLY, S. Household Financial Management: The Connection Between Knowledge and Behavior. **Federal Reserve Bulletin**, v. 89, p. 309-322, 2003.

INFOMONEY. **Criptomoedas**: Um guia para dar os primeiros passos com as moedas digitais, 2020. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/guias/criptomoedas/>. Acesso em: 15.set. 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LEAL, C. P.; NASCIMENTO, J. A. R. Planejamento financeiro pessoal. **Rev. Ciênc. Gerenciais**, v.15, n. 22, p.163-183, 2011.

LEAL, D. T.; MELO S. A **Contribuição da Educação Financeira para a Formação de Investidores**, 2007. Disponível em: <http://sistema.semead.com.br/11semead/resultado/trabalhosPDF/42.pdf>. Acesso em: 21.out. 2021.

LUCENA, W. G. L.; MARINHO, R. A. de L. Competências financeiras: uma análise das

decisões financeiras dos discentes no tocante as finanças pessoais. In: Seminários Em Administração, 16., São Paulo, 2013. **Anais...** São Paulo: SEMEAD, 2013.

MACEDO JUNIOR, J. S. **A Árvore do Dinheiro**: guia para cultivar a sua independência financeira. 2. ed. Rio de Janeiro: Campos, 2007.

MEC. **MEC lança Programa Educação Financeira nas Escolas**, 17/08/2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-programa-educacao-financeira-nas-escolas>. Acesso em: 20.out. 2021.

MESSY, F.; MONTICONE, C. Financial Education Policies in Asia and the Pacific. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions, **OECD Publishing**, Paris, n. 40, 2016.

MILANEZ, D. Y. **Finanças Comportamentais no Brasil**. 2003. 53 f. Dissertação (Mestrado em Economia das Instituições e do Desenvolvimento) – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2003.

MOREIRA, D. A; SOUZA, D. P. L; LUCA, L; SOUZA, L.; SOSTER M.P. **Educação Financeira em tempos de Covid-19 – impactos e abrangência**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/228897> Acesso em 05.set.2021.

MOTTOLA, G. R. In our best interest: women, financial literacy, and credit card behavior, **Numeracy**, v. 6, n. 2, 2013.

NEGRI, A. L. L. **Educação Financeira para o Ensino Médio da Rede Pública**: uma proposta inovadora. 73 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo: UNISAL, Americana, 2010.

NIDAR, S. R.; BESTARI, S. Personal Financial Literacy Among University Students (Case Study at Padjadjaran University Students, Bandung, Indonesia). **World Journal of Social Sciences**, v. 2., n. 4., p. 162-171, 2012.

NUNES, P. Utilização da Contabilidade no planejamento e controle das finanças. **Revista Catarinense de Ciência Contábil**, v. 5, n. 15, p. 59-71, 2006.

PAULA, D. **Finanças comportamentais**: um estudo sobre a confiabilidade das decisões dos investidores, analistas e profissionais de investimento à luz da metodologia Brier Score. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2009.

PIRES, V. **Finanças Pessoais**: Fundamentos e Dicas. Piracicaba: Equilíbrio, 2006.

POTRICH, A. C. G; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista de Contabilidade e Finanças**, v. 26, n. 69, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcf/a/wM9hSthWFCztM3t8bbbqPSG/?lang=pt> <https://doi.org/1.> Acesso em: 10.out 2021.

QUESADA, B. Número de investidores na bolsa cresce 43% e se aproxima dos 4 milhões. **Revista Exame**, 11/08/2021. Disponível em: <https://invest.exame.com/me/numero-de-investidores-na-bolsa-cresce-43-e-se-aproxima-dos-4-milhoes>. Acesso em: 12.out. 2021.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
RIVAS, K. Porque as mulheres são apenas 24% dos investidores da Bolsa? **Revista InvestNew\$**, 10/03/2020. Disponível em: <https://investnews.com.br/financas/por-que-as-mulheres-sao-apenas-24-dos-investidores-da-bolsa/>. Acesso em: 19.out. 2021

SAITO, A. T. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007. 152f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-28012008-141149/pt-br.php>. Acesso em: 18.out. 2021.

SANTOS, S. Perfil de quem mais poupa no Brasil tem faixa etária entre 25 e 35 anos, **Portal R7**, 23/05/2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/perfil-de-quem-mais-poupa-no-brasil-tem-faixa-etaria-entre-25-e-35-anos-23052021>. Acesso em: 14 out. 2021.

SERVON, L. J.; KAESTNER, R. Consumer financial literacy and the impact of online banking on the financial behavior of lower-income bank customers. **Journal of Consumer Affairs**. v. 42, n. 2, p 271-305, 2008.

WOHLEMBERG. T. R.; BRAUM, L. M. S.; ROJO, C. A. Finanças pessoais: uma pesquisa com os acadêmicos da Unioeste campus de Marechal Cândido Rondon. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 11, n. 21., p. 133- 152, 2011. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/8544/6284>. Acesso em: 28. ago. 2018.

XIAO, J. J.; O'NEILL, B. Consumer financial education and financial capability. **International Journal of Consumer Studies**, v. 40, p 712-721, 2016.